

# BRASIL-PORTUGAL

**Fundador** — Augusto de Castilho.  
**DIRECTORES** — Jayme Victor e Lorjô Tavares.  
**PROPRIETARIA** — A empresa do *Brasil-Portugal*.  
**EDITOR** — Carlos Abreu.  
**ADMINISTRAÇÃO** — C. do Sacramento, 14.  
**COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO** — Typ. do Anuario Commercial.

16 DE MAIO DE 1912

N.º 320



*A notavel cantora e professora de canto, madame Eugenia Mantelli, e a sua discipula, a cantora portugueza Cesarina Lyra, que tão brilhantemente se estreiou ha tempo no Colyseu dos Recreios.*

*(Phot. de A. C. Lima)*

## NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 16 de maio de 1912

### Pintores e caricaturistas — As exposições — Duas nobres figuras

**H**ONTEM poetas. Hoje pintores e caricaturistas. Neste mesmo lugar eu celebrava ha quinze dias dois artistas do verso, a musa alacre e bucolica de José Coelho da Cunha, e a musa lacrimosa e desesperançada de Alberto Monsaraz. E hoje são caricaturistas e pintores que estão na ordem do dia, isto é, sob as suas fórmulas variadas, é a Arte que tem a palavra. Palavra mais eloquente, pelo que se vê, pelas revelações que faz, pela exhibição de poder, de belleza e de força, que a palavra dos sr.s senadores da Republica, por exemplo.

Essa, se não fosse paga á razão de tres mil e pico por dia, não deixaria tambem de ser eloquente, valha a verdade, e, mais do que eloquente, suggestiva, porque se não tem o poder de servir os interesses nacionaes, tem a força impagavel de despregar as mandibulas do riso, o poder therapeutico de desopilar os figados. Mas como, para o effeito, é um pouquinho cara e se desvia do seu legitimo rumo, optamos pela dos artistas, pelos cultores que tem a Arte portugueza nas suas multiplas ramificações.

Que me lembre, nunca, em tão curto periodo, se realizou maior numero de exposições de pintura.

Nos seus *ateliers*, e no salão da *Illustração Portugueza*, expõem quadros, em dias variados, mas quasi successivos, Julio Teixeira Bastos, a Sociedade Silva Porto, os discipulos de Carlos Reis, a familia de Alfredo Keil, Alves de Sá, João de Sá Penha e Costa, tendo o *Brasil-Portugal* recebido de todos penhorantes convites para assistir á inauguração d'essas exposições.

Se não tivesse esta chronica o fim exclusivo de registar um agradecimento e uma homenagem, se num artigo critico ella tivesse a pretensão de transformar-se, alargar-se-ia por numerosas columnas, por que nunca seria bastante o espaço necessario para marcarmos a individualisação de cada um d'estes artistas, para accentuarmos a feição que distingue uns dos outros, para apreciarmos, e pôrmos no devido logar, á luz de uma critica imparcial e justa, a obra de todos.

Têm outro fim as nossas palavras de hoje: o de nos congratularmos com a intellectualidade portugueza por se afirmar atravez de uma das mais bellas manifestações que ennobrecem e exaltam o Espirito humano, e evidenciam, perante nacionaes e estrangeiros, que a arte de pintar tem hoje em Portugal cultores abundantes, fecundos, cheios de vigor e de talento.

Os caricaturistas, que são os humoristas da pintura, não quiseram, e nisso tiveram milhares de razões, ficar fóra da corrente artistica. Tiveram tambem elles a sua exposiçào, e que soberbo recanto de arte, que precioso museu de espirito, aquelle em que conseguiram transformar essas tres salas elegantes do Gremio Litterario que a Lisboa que pensa, a Lisboa espirital, a Lisboa da Arte, dos sports, das letras, das elegancias, tem ido visitar estes dias, numa romagem alegre, levando aos caricaturistas o tributo da sua admiração e do seu agradecimento! Admiração pela obra que elles têm produzido, reveladora de actividade e de talento, agradecimento, justo e sincero, por que mais do que ninguem, melhor do que nenhum outro artista, elles souberam dar a nota impressiva, hilarante, dos acontecimentos que desfilam, dos typos que passam, ninguem como elles soube tirar effeitos humoristicos do Ridiculo que pretende triumphar, da mediocracia que quer impôr-se, dos pavões que tem a velocidade de competir com as aguias.

Augmentar, exaggerando-os, na grandeza ou na pequenez, os traços que caracterizam uma figura, um typo, uma individualidade, é a funcção da Caricatura, lente augmentativa, que nunca deixa de guardar as proporções, e que como a *grippe*, que desenvolve e amplía qualquer dos achaques que encontra no organismo, assim põe em fóco, avolumando-os, salientando-os, os ridiculos que brotam e resaltam do lapis do artista, mesmo aquelles de que o observador nem sempre se apercebe, mesmo aquelles que não são attingidos pela objectiva do photographo ou pelo pincel do retratista.

Tem esta faculdade, tem esta grandeza a arte caricatural, representada na exposiçào do Gremio por todos aquelles que em Portugal já constituem uma phalange, a legião dos heroes do lapis, dos demolidores pelo riso e pela troça, humoristas que são os antipodas dos graves, dos solemnes, dos sérios, dos sisudos, mas que estão mais do que todos elles na Verdade, porque trazem á superficie e á luz tudo o que ha nelles de ócco, de insubsistente, de banal e de ridiculo.

Tres mortos, Celso Herminio, Francisco Teixeira e Bordallo Pinheiro, o maior de todos, o Mestre consagrado, o chefe d'essa brilhante e brava legião, lá estão á frente d'ella, como que a mostrar aos novos, aos que vieram depois d'elles, que vale a pena cultivar a Arte, porque a pagam agradecimentos, admirações e sorrisos, porque até a honram e authenticam com gestos descontentes, risadas amarellas, aleivosias e insidias, aquelles que se sentem empolgados nas suas garras, para sempre marcados pelos lapis causticos, ora irreverentes ora crueis.

Não pôde ser mais audaz, nem mais brilhante, essa legião de artistas que se chamam Manoel Gustavo, Americo Amarelhe, Isidro Aranha, Alfredo Candido, Jorge Barradas, Candido da Silva, Christiano Cruz, Faria e Maya, Joaquim Guerreiro, Menezes Ferreira, Almada Negreiros, Emmerico Nunes, Antonio Maria d'Oliveira, Nunes Ribeiro, Rocha Vieira, Saavedra Machado, Sanches de Castro, Hugo Sarmento, Viriato Silva, Silvio Duarte, Stuart Carvalhaes, Francisco Valença, Hipolito Colombe, Rodrigues Castané e Santos Silva.

Nenhum omittimos e nenhum especializamos, nem mesmo aquelle que espalhou talento ás mãos cheias durante annos pelas paginas d'esta Revista, porque a todos por igual conglobamos na homenagem modesta mas sincera, que hoje, atravez da minha penna de chronista, lhes tributa o *Brasil-Portugal*.

D'entre as illustrações que passam por estas paginas ha duas que merecem neste logar especial registro. São dois retratos do mesmo homem. Esse homem chama-se Antonio Ribas. Esse homem foi um cidadão modesto: um simples policia. Hoje é um penitenciario, uma personalidade celebre. Uma sociedade legalmente constituida inflingiu-lhe martyrios que deixaram a perder de vista os da Inquisição, a recordação dos quaes bastava para torná-la apoplectica e revolta quando, na propaganda de uma idéa, essa sociedade, a de hoje, condemnava o passado e preparava o futuro, dias felizes, de redempção humana, de justiça, de fraternidade.

Esse misero cidadão portuguez não roubára, não incendiára, não assassinára. E comtudo soffreu torturas que ainda não haviam conhecido até aqui os ladrões, os incendiarios e os assassinos. Qual fóra o seu crime? Um crime de pensamento, um crime de opinião, o crime de ser coherente com toda a sua vida, o crime igual ao d'aquelles que, tendo-se revoltado como elle contra as instituições, levam hoje que são triumphantes, a incoherencia ás proporções da crueldade.

Esta é a primeira phase da celebridade de Antonio Ribas. Data a segunda da sua entrada na Penitenciaria. Julgado pelos tribunales, é o primeiro preso politico a cumprir a nefanda e iniqua pena.

Para poupá-lo a esse ultimo martyrio, para poupar a essa vergonha uma sociedade que pretende ser civilisada, duas figuras de destaque se pozeram em campo. Uma senhora da primeira nobreza de Portugal e um homem, ainda moço, que sendo já dos primeiros a marcar logar na intellectualidade do paiz, é dos primeiros tambem a honrar d'ora ávante as grandes tradições da alma nacional.

Essa illustre dama é a sr.<sup>ª</sup> D. Maria de Mello, filha dos nobres condes de Ficalho. Esse homem chama-se Antonio Osorio. Essa senhora tem elevado a proporções estoicas a caridade christá. Tem sido a Providencia dos presos politicos. Para lhes minorar a situação afflictiva tem posto ao serviço d'elles, sem querer saber da sua proveniencia, dos delictos que lhes attribuem, da humildade ou grandeza do nascimento, a sua fortuna, todos os minutos disponiveis da sua vida, toda a influencia do seu nome e das suas relações de Sociedade. Tem visitado todos os carceres e todas as fortalezas de Lisboa, com palavras de esperanza e actos bizzarros tem minorado crudelissimos soffrimentos. Antonio Ribas, um dos maiores entre os desgraçados que conheceu, deparou-se-lhe no caminho. Desde então nem um momento de tréguas, e o maior serviço que podia prestar ao réprobo era chamar a attenção para as iniquidades de que elle era alvo.

Apparece então Antonio Osorio. E' uma grande figura moral que apparece. Conquista que neste tempo de rebaixamento moral não vale menos que a da India. Põe-se em campo o moço advogado, abre a todos os olhares, expõe a todas as consciencias, por fórmas concretas, insophismaveis, o estendal de torpezas e ignominias exercidas contra esse desgraçado, a ponto de o converterem no farrapo humano, que uma das duas gravuras representa.

Podia a Sociedade, responsavel de tantos attentados, porque os não punira, rehabilitar-se agora, punindo os seus auctores, e arrancando a victima á ultima tortura que a esperava dentro de uma cella humida e sem luz, sob o capuz infamante de penitenciario. Seria a clemencia a reparar a iniquidade, seria a acção official a lavar uma vergonha.

Não o quizeram. E' preciso que a politica tenha razões muito fóra da Verdade, da Humanidade, da Justiça e da Logica, para deixar de fazer a unica coisa que neste caso medonho tinha obrigação de fazer.

JAYME VICTOR.

debruçam á beira dos caminhos e que todos os que passam cubiçam. Assim, um joven *sardar*, queimado pelo sol de muitas batalhas, viu-a um dia atraz das grades douradas da ogiva e cubiçou-a com frenesi, com desvario. E ella tambem sentiu-se captiva do louco official, cançada de ver sempre aos seus pés a figura já a caminho da decrepitude do seu senhor.

Que palavras elle lhe disse ou ella lhe adivinhou, não sei. Mas, o *rajah* desconfiado começou a sentir que os risos d'ella não eram já tão argentinos, que o seu olhar não tinha a limpidez de outr'ora. Vigiou-a ainda mais. As escravas viram as cabeças vacillarem sobre os hombros cada vez que o rei lhes fallava. E todavia, ellas o juravam — junto da amante ninguem apparecêra, ninguem ousára levantar para aquella belleza olhos de cubiça. Só se as estrellas, nos montes em que ella velava junto das grades da janella a tivessem seduzido lá do céu, d'onde a fitavam...

O *rajah*, uma noite, não podendo adormecer nos môlles coxins do leito, cautellosamente, atravez dos corredores silenciosos onde apenas o luar velava, foi t'er aos aposentos da amante, no claustro discreto e escuro. Ninguem no leito d'ella.

## A conspiração monarchica

O primeiro preso politico que depois de julgado deu entrada na Penitenciaria



Retrato tirado pouco antes de ser preso

Antonio Ribas  
Preso no dia 1 de maio de 1911



Retrato tirado em 12 de abril de 1912

## LENDAS INDIANAS FLORES DA INDIA

### Champê

Teem uma lenda bizarra aquellas flôres amarellas e perfumadas que um dia me dêste. Conto-a para que nunca mais vás arranca-las á arvore amiga que sangra para m'as offerecer...

Certo *rajah* ciumento cujo velho solar se escondia n'um valle de sombras murmurantes tinha uma amante, uma *bailadeira* gentil, de grandes tranças escuras, de olhos sonhadores e bons e de carnes transparentes e tenras. Aquelle *sari* de seda tenue que a vestiam mais fazia apeterer as fórmas roliças, as pernas torneadas que terminam n'uns pésinhos que os grandes anneis dos dedos quasi occultavam. Por isso, a graciosa *champê* para quem o *rajah* era um escravo submisso, era guardada como um diamante mais precioso da sua corôa. Nos claustros sombrios e dourados onde ella vivia, mal logrâva espreitá-la o sol brejeiro dos grandes dias tropicaes. E só o senhor se deliciava em adorá-la, longe da sua côrte de guerreiros gentis, com receio de que lh'a roubassem.

Mulheres, quem as pôde guardar? São como as flôres que se

Traição! O *rajah* ia gritar, arrancar do punhal, quando junto das grades da janella, silenciosa e commovida, elle viu a amante sorrindo para a luz que do céu lhe vinha ou do proprio coração. E cosida com a parede, uma sombra sumiu-se nas trévas dos corredores, deixando após si um perfume, que não agrada mas que embriaga.

O *rajah* não viu a sômbra, mas sentiu-se embriagado com o arôma e ella abrindo a dobra do *sari* que se cruzava sobre o seio deixou cahir uma porção de flores que tingiram-se da pallidez amarella da lua e encheram-se do perfume que o *sardar* deixara no *sari* da régia amante. E essas flôres brancas, sem cheiro, que eram, tornaram-se d'esse amarello que parece querer extinguir-se do luar de março e ficaram eternamente com o perfume da traição. E' por isso que ellas sangram, quando as arrancam, para não servir a outra infidelidade, e por isso eu te dizia que nunca mais m'as offerecesses...

(D'um livro inédito)—India, março de 908.

JOSÉ MANOEL DA COSTA.

Assim como não queres que duvidem da tua força, não debes abusar da fraqueza alheia.



Poesia

## Trecho d'uma carta

de José Coelho da Cunha, auctor do livro de versos "TERRA DE SOL"

«... o pae esquivava-se a collaborar na obra do filho, não vá a maledicencia attribuir-lha a elle.»

Brasil-Portugal — 1 fev. — 912.



R. M. de Penitencia

.....  
Do teu livro que dizer-te  
Com meu estro quasi inerte,  
Quasi trôpego dos anos?  
Que, para evitar enganoso  
E juizos envenenados  
Dos censores encartados,  
E' com prazer que os teus versos  
Vejo serem tão diversos,  
Tão outros dos versos meus.  
Inda bem, graças a Deus!  
Sem essa disparidade  
Caía o Carmo e a Trindade!  
Se de tal houvessem mingua,  
Ninguem calaria a lingua  
Das boas bocas do mundo.

Que ainda assim, eu abundo  
No que disse alguém, e é certo:  
Que ha de algum critico esperto  
Afirmar sem embaraço  
Que, por ti, sou eu que faço  
Muitos dos versos que fazes.  
São precalços dos rapazes  
Que tem pais do mesmo officio.  
No mundo é velho este vício.  
E' uma antiga quisilia!  
Se ha poetas na familia,  
Hão de ter sempre estes ossos  
Do officio os poetas moços.  
Já o mesmo se passou  
Comigo... e com teu Avó!

Mas a critica bravia  
Vai rebentar d'alegria,  
Vai exultar, em pensando  
Que ha crime mais execrando  
E de instinctos mais perversos  
Que o de escrever os teus versos:  
—E' ser eu proprio—que horror!  
Ser eu autor... do autor!

Quanto ao teu livro, o pecado  
E' assim, por minha parte,  
Pelo menos duplicado.  
Quanto a essa obra d'arte,  
A minha culpa redobra  
Sob esse ponto de vista:  
Se eu não fui que fiz a obra,  
Fui eu que fiz o artista!

Mas não pensemos em quem,  
Por ter nascido com sina  
De não poder fazer bem,  
O bem dos outros malsina.  
Não é cousa original  
Ou novidade de agora:  
Sempre o mau gostou do mal  
E quanto é bom desadora.

Ao percorrer com delicia  
Esse teu livro — primicia  
Do teu estro de rapaz —  
A minha musa hoje faz  
Um voto ardente e sincero  
Que prova como o estremeço  
E mostra como te quero:  
E', que essa aurora em começo,  
E' que o sol da tua vida  
Nunca perca o seu fulgor  
Nessa terra prometida  
De que és tu o sementeador  
E onde se vê já florida  
Tanta semente de amor!  
E' que longe do poente,  
Derramando em cada leiva  
Do teu livro, luz e seiva,  
Sempre claro e vivo e quente  
Como em perpetuo arrebol.  
Fulja o sol de que iluminas  
Montes, vergeis e campinas  
Da tua Terra de Sol!

# Após o bombardeio da Bahia

## Agitações "populares" — Empastelamentos

**A**o historico bombardeio da Bahia seguiram-se dias de treguas e de repouso, de commentarios e de impressões. E tambem as almas nobremente guerreiras haviam mergulhado numa reparadora e morna somnolencia, extenuadas talvez pelo extremo cansaço d'aquelle heroico e tene-

Tudo purificado (porque a polvora purifica), tudo subjugado, rendido, amedrontado, a tremer ainda, sob a grande paz que amortalhava a terra.

E agora, para recobrar as forças corporaes e refazer a serenidade da alma, venha de lá, Santo Deus, o largo descanço da victoria. Assim faziam sempre os grandes generaes vencedores de tremendas carnificinas, a que vulgarmente chamam *grandes batalhas!* Descançavam!

E assim tentavam fazer aqui tambem os omnipotentes vencedores da situação e da cidade. Mas quando já reclinavam a cabeça para um vasto e confortante repouso, um rumór intenso os foi despertar bruscamente da lethargia em que se abysmavam, com a perfeita serenidade de aureolados heroes. Despertam então, outra



**Dr. Aurelino Leal**

*Redactor chefe do «Diario da Bahia»*



**Dr. Severino Vieira**

*Proprietario do «Diario da Bahia» e chefe do partido severinista*

broso esforço. O governador Aurelio Vianna fóra brutalmente escorraçado do poder e o outro, o novo, o substituto, o Braulio,

vez, em sobresalto, esfregando os olhos, apurando os ouvidos. O rumór continua, alastra cada vez mais e transforma-se n'um grito estridente e unisono dos Estados, que protestam vehementemente contra a hediondez da consumada barbaria.

## Agitações na Bahia



*O empastelamento do «Diario da Bahia» — Como ficou uma das salas da redacção*

o que tomou posse, era da situação bombardeante. Excelente! A causa ganha, positivamente ganha, com uma centena de tiros apenas e duas duzias de consciencias venaes.

zana, com os respectivos officiaes que commandam as manobras).

Por seu turno, tambem a cavallaria vem a campo, no intento

A voz de Ruy Barbosa enche, só ella, o Brasil inteiro, vae além das fronteiras na reboada de um echo irreductivel, prenhe de imprecações e de accusações contra os altissimos réus. E' como um açoite de Justiça na alma negra dos tyrannos. Depois, nos seus libellos memoraveis, ainda Ruy Barbosa invectiva o presidente da republica, arrasta-o mesmo á situação degradante de ordenar de publico a reposição immediata de Aurelio Vianna, enquanto que particularmente dá ordens muito suas, isto é, traiçoeiras e anarchisantes. A reposição do Aurelio realiza-se effectivamente, com aparato militar.

Mas em virtude das ordens e das instrucções que o mesmo sr. presidente transmittira aos seus agentes aqui, o *elemento popular* põe-se em campo e a anarchia começa, desenfreada e ovan-te. (Quando falo em *elemento popular*, quero dizer — solda dos do exercito e marinheiros á pai-

de refrear e repellir qualquer movimento hostil d'essa horda temerosa.

Está travada a lucta!

Iniciado o tiroteio pelo povo, a cavallaria raramente responde, o que apenas faz duas vezes, e mesmo assim n'uma instinctiva defeza propria.

O palco sangrento agora é a praça Castro Alves! O *elemento popular* intrincheira-se na pensão Universal, que fica no sopé da ladeira de S. Bento, quasi na praça tambem, onde estaciona a cavallaria. De quando em quando ha tiroteios cerrados das janellas d'esse predio.

A noite vae apenas em começo e toda a cidade é já deserta e sombria. Ha um não sei qué que lhe dá um ar de tumulto subterraneo, cheio de treva e de miasmas, e em que a soturnidade pesada do silencio apenas deixa ouvir, muito ao longe, como o crepitar mal distincto das lavaredas d'um incendio.

Que houveram mortes e ferimentos, escusado é dizer.

E como esta, outras noites se seguiram, noites de desolação e de miserias, de anciedade e de médos. A anarchia triumphava.

E quem a visse deserta e abandonada na treva, esta cidade carinhosa, ella que tão prodiga tem sido para os seus filhos e seus hospedes, havia de notar-lhe um aspecto lacrimoso e contemplativo, ao vêr como se lhe ligava o nome e a tradição á pagina negra da historia futura, quando a historia fór, resplandescente de justiça e de verdade, revolver os destroços do poder actual que desmoronara porque assentava sobre alicerces de sangue e de traições. E, — oh! irrisão da fatalidade inexoravel — já por duas vezes foi o mesmo filho verdugo que concorreu prodigiosamente

pelo sertão — reconheceu a necessidade absoluta de capitular, renunciando outra vez o cargo de governador, a bem da conservação da propria vida, que apesar de tudo ainda lhe parecia amavel e digna de ser vivida. Mas não assim, de repente, demonstrando ser covarde. Embora sem garantia da força policial, elle havia de resistir até o ultimo instante.

Refugiou-se então no consulado da Venezuela d'onde passou para o da França, em busca d'um asylo certo e seguro que a sua patria não lhe offerecia. E esse homem, digno de todos os encomios pela sua attitude heroica, embora temeraria, mal sabia que estava tão seguro no consulado, como o misero que, suspenso d'um grande abysmo, apenas sustenta o corpo que balouça, preso na rama fragil de uma sarça.

Melindrosa situação, na verdade.

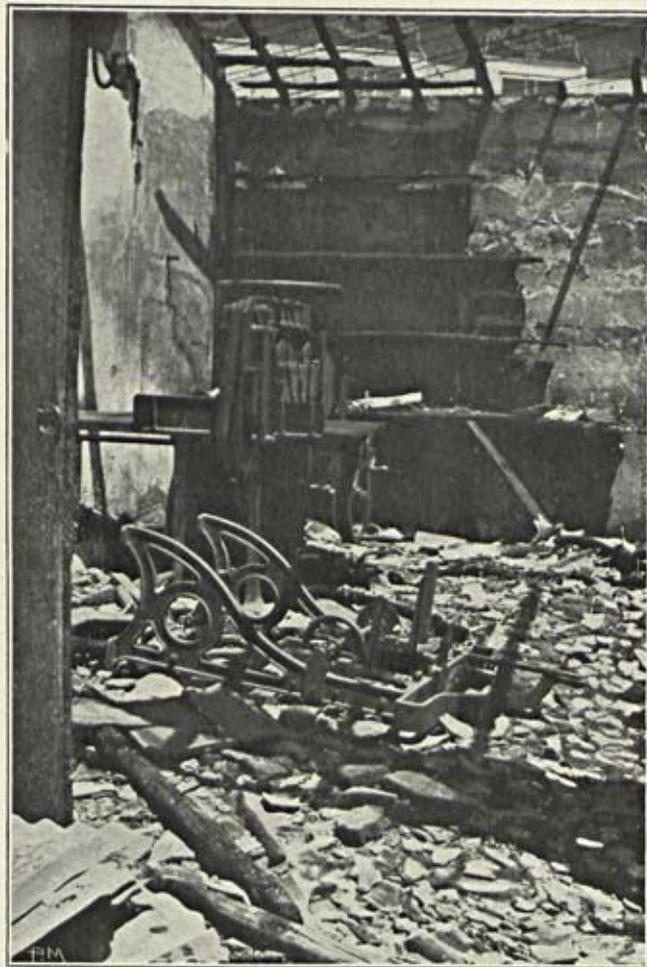
E o elemento federal, quero dizer, o *elemento popular* conhe-



**Agitações na Bahia**—O empastelamento do «Diario da Bahia»  
— Aspecto d'uma das salas depois do attentado

para que enxovalhassem o nome da sua propria terra. Novembro de 99 prefaciando janeiro de 1912.

Aurelio Vianna, deante da rebelião que não podia debellar — porque o outro, o conselheiro, o Braulio, quando nos breves dias do poder desarmara a policia e a distribuira preventiva-



**Agitações na Bahia**—O empastelamento do «Diario da Bahia»  
— Efeitos da destruição

cia muito bem o estado critico do governador e do homem. Podia executal-o com muita facilidade. Simplesmente um unico importuno o podia molestar, ao *elemento*. Era o *Diario da Bahia*, esse maldito diario, que desatava logo n'um berreiro dos diabos, proclamando bem alto o criminoso feito, adjectivando-o com tamanha violencia que chegaria a irritar singularmente os nervos dos sanguinolentos réus.

Solução: Dar cabo d'elle antes de dar cabo do outro, do governador. Eis uma ideia ainda em embryão, mas que nem por isso deixava de ser perfeita e muito acceitavel!

Vocencias, ahí do outro lado, decerto não conhecem o *Diario da Bahia*?! Soberbo combatente! Foi elle que em todos estes acontecimentos politicos teve um destaque magnifico e creio mesmo que fosse a principal figura da grande tragedia porque tambem foi a grande victima.

Logo depois do bombardeio lançou accusações tremendas con-

tra os usurpadores do poder, em artigos magistraes do seu redactor-chefe, dr. Aurelino Leal, e com titulos pomposos, mas satanicos e mordentes. Quando surgiu o *Generaes de chumbo*, a população aterrada, apertando freneticamente a cabeça entre as mãos tremulas, exclamava, transida de espanto e de receio: «Jesus, Jesus, temos outro bombardeamento á porta!»

Mas não tivemos, por enquanto, outro bombardeio, louvado seja o Senhor.

E os artigos continuaram com a mesma linguagem de azorrague, que era como que plagiada das coleras naturaes quando em temporal desfeito. O *elemento popular* então, sufficientemente instruido e capitaneado, resolvera, em conselho definitivo, dar cabo d'aquelle rebelde que não se calava e que nem ao menos se curvara, reverente, perante o rugido estupendo dos canhões.

— «Irra, que é demais —, grita um dos *graduados*, desvairadamente — vamos pôr tudo aquillo n'um pastel?»

Mas já um outro, de punhos cerrados, ameaçadores, rugue, congestionado e cavernoso: «Num pastel, diz você? O que nós vamos é pôr tudo em cacos, espatifar, arrombar, queimar, dinamitar, reduzir a cinzas aquelle empecilho, aquelle flagello, aquelle

cidade, já de longe, do alto de S Bento, ouviamos a vozeria atroadora d'aquelle turba infréne. E o meu companheiro, sustendo a marcha, segurou-me pelo braço, fez-me parar tambem, alvitrou logo que seria melhor mudarmos de rumo:

— Menino, vamos procurar outro caminho!

Por aqui está muito concorrido, podem-nos embargar a passagem, fazer-nos até coisas desagradaveis. Vamos por outro lado menos enfeitado e menos perigoso?

Apesar do justo receio que tambem me invadira, repliquei logo, aparentando uma arrogancia e uma valentia que na realidade eram bem falazes: — Não, senhor! nós vamos é por aqui mesmo. O caminho é de todos, foi feito para todos. Embargar a passagem, porquê? Ora essa... Nem elles sabem com quem se metem!

O meu amigo objectou ainda:

— «Bem, vamos lá! Mas pelo menos será bom mandar os olhos na deanteira, sempre muito ao largo e muito cautelosamente».

Afinal, e apesar das continuadas descargas do povo contra phantasmas talvez, porque inimigo não havia, nós descemos.

O outro sumiu-se logo, enfiando por uma ladeira escusa que leva á parte baixa da cidade, enquanto eu, escudado por uma arvore da praça, podia observar perfectamente a nefasta obra do povo nefando.

O *elemento popular* assemelhava-se a uma horda de maltrapilhos que a fome houvesse transformado n'uma legião imensa de feras sanguinarias. E todo esse enxame repellente deu começo ao alto empreendimento, como n'uma bebedeira phantastica e truculenta de raiva e de loucura. A porta principal do *Diario da Bahia* era, tal como a porta d'um convento antigo, massiça, pesada, enorme e d'uma consistencia phenomenal.

Mas como resistir á dynamite e ao pé de cabra de que se haviam munido os assaltantes? Tinha que ceder, fatalmente, como cedeu. E então a grande massa popular entrou, num turbilhão, como o desdobrar violento de uma onda monstruosa que vem rugindo e crescendo, até estourar, com brutalidade e com odio, nas costas de um rochedo. Ouvi que na guerra os selvagens, antes do combate gritam desabaladamente, terrivelmente, chegando, por vezes, os seus gritos a ahedrontar aquelles que

ainda não conhecem tão diabolicos costumes.

Com effeito: Eu tive d'isso um exemplo vivissimo, e não é possível que os selvagens inspirem mais horror, nem sejam mais ruidosos, nem mais sanguinarios, nem mais inconscientes da sua obra, do que esses outros que nessa noite se me depararam.

E cada rugido da turba era logo acompanhado por descargas de pistola, ao acaso certamente, porque nem ao menos tinham a quem alvejar. Isto é, tiveram. A' falta de inimigo, alvejaram um proprio camarada da orgia. Porque, não sei, não tenho a certeza. Sei apenas que esse justicado vinha de dentro da redacção, em busca de phosphoros talvez para atear o incendio. Trazia pressa pelos modos. E os que estavam do lado de fóra ainda, naturalmente, pensaram: «Lá vem um redactor espavorido» — Fogo! E o supposto redactor cahiu de bruços, quasi no limiar da porta, sob o alarido jubiloso dos frios assassinos.

Mas aqui, agora, a narrativa perde todo o interesse e todo o effeito porque não lhe poderei dar jamais a intensidade precisa de côres, sobre o fundo tragicamente negro das scenas cannibalescas que humilham e envergonham o seculo e a humanidade.

Eu só poderia dizer, muito pallidamente, que de dentro da redacção vinha um rumôr sinistro de martelladas e de arrombamentos, tinir de ferros, correrias e gritos estridentes, toda a especie de sons horripilantes da mais desenfreada selvageria que porventura se haja praticado no Brasil. Poderia mesmo dizer que essa malta infernal nem ao menos respeitou o domicilio de uma familia, por cima da redacção, e que roubou, saqueou, inutilizou ainda as coisas mais insignificantes, concedendo-lhe a vida apenas, porque... a familia inteira se havia retirado durante o dia.

## A conspiração monarchica



Julgamento adiado dos srs. dr. Carlos Garcia e Fernando da Motta Cardoso, quintanista de direito (Phot. de \* \* \*)

palrador incorrigivel que nem ao menos o nosso Deus Seabra respeita. E ala que se faz tarde.

O *elemento popular*, além de bem armado e municado, conhecia, como já disse, a progressiva fraqueza da guarda insignificante do poder. (E digo progressiva porque dia a dia mais praças de policia desertavam).

Era, pois, occasião de dar o golpe decisivo, a ultima demão á obra prima que se vinha modelando.

Itinerario: Primeiro, supprimir da face da terra, como se havia combinado, esse endiabrado combatente matutino que, surgindo com o sol, irradiava como elle uma luz firme e resoluto, luz de verdade e de justiça. Eis porque se tornava indispensavel annulla-o, com o tal golpe certo e decisivo, para que não volvesse jámais rugindo, indignado, contra a causa seábrica e senhoril, levada a effeito com tanto risco e tanto sobresalto.

Policia, nenhuma.

Portanto, impunidade certa e plena liberdade de acção, meninos. A noite é larga e o trabalho é curto e facil. Depois, os outros, o *Diario da Tarde* e *A Bahia*. Depois ainda, o outro, o principal, o Aurelio.

Avante, povo Bahiano! E o povo Bahiano deu avante.

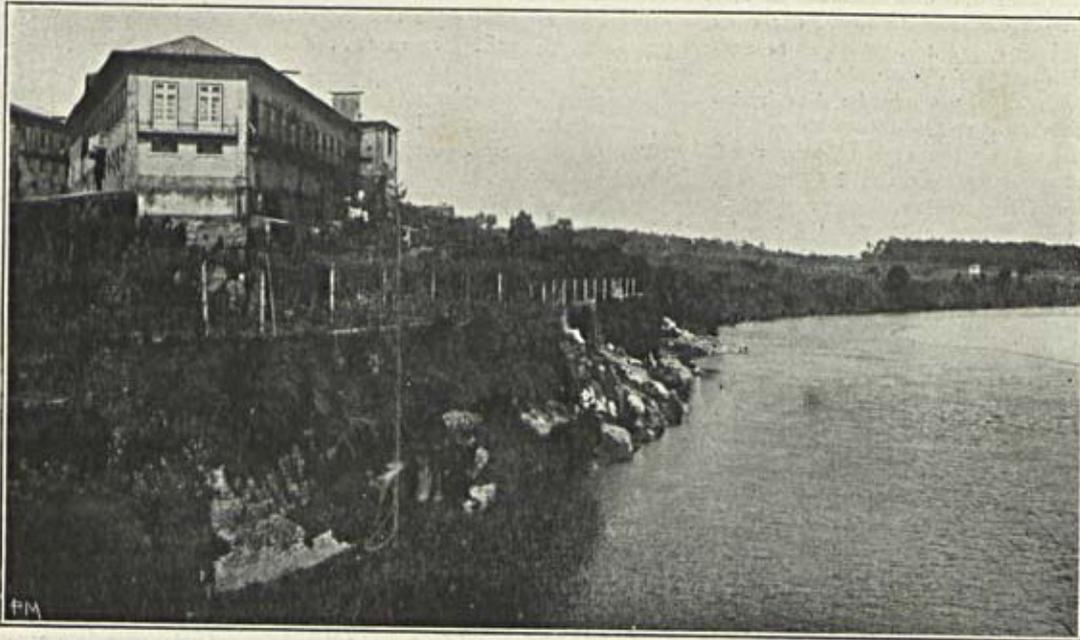
Effectivamente, quando pelas 10 horas da noite de 24 de janeiro eu e um meu amigo atravessámos a solidão taciturna da

Tudo isto faz tremer de horror, embora assim resumido. Mas quem realmente assistisse ao desenrolar do hediondo scenario nessa tumultuosa praça Castro Alves, e chegasse á evidencia de que era toda uma cidade e toda uma população que estavam á mercê dos instinctos vandalicos de taes faccinoras e que tanto

moendo o predio. No dia seguinte, com grande espanto meu, todas as lampadas que os bombeiros haviam accendido para *verem* o incendio, appareceram partidas, *todas em cacos*, na phrase pittoresca *do graduado do elemento!*

Os empasteladores já tinham ido para outros pontos, levando com elles as depradações! Quem seria então que rebentou, que espantou as lampadas? *Mysterio*, subtil *mysterio* que eu não penetro e que ninguém define.

## A Festa das Cruzes, em Barcellos



Barcellos — Margem do rio Cavado

(A Feira das Cruzes é uma das mais importantes que se realisam em Barcellos. Tem lugar annualmente de 2 a 5 de maio)

podiam elles incendiar o *Diario da Bahia* como a cidade inteira se assim o quizessem, e entendessem, que podiam assassinar livremente porque o crime ficaria impune e os instinctos saciados, quando se lembrasse de que fóra a ganancia de certos monstros humanos que collocara a população de uma cidade na situação melindrosissima de perigos continuos, de sobresaltos e de angustias, de temores e de lagrimas, — então por força que esse alguem havia de sentir escorrer-lhe pela frente o suor afflictivo das grandes revoltas intimas.

Os heroes da grande scena tinham já seguido para as redacções d'*A Bahia* e do *Diario da Tarde*, deixando tudo prompto, tudo em cacos e o predio fumegante, quando os bombeiros surgem vagarosos, pachorrentos, somnolentos, no passo pequenino e phiosophico de defunctos em procissão, em redôr do cemiterio, como resam lendas antigas.

Penetraram no recinto do *Diario*, donde se escapava um fumo ligeiro de incendio que principia. Accenderam as lampadas electricas, abriram as janellas de par em par e iniciaram o salvamento das mobílias, atirando-as pela janella, com grande impulso, espatifando-as nas lages de um terreiro que fica ao lado esquerdo do predio.

O mesmo fizeram aos taboleiros dos typos, para que não fossem consumidos pelo incendio voraz. Activissimos esses bombeiros!

Querem uma prova? Lá vae:

Um d'elles encontrou uma carabina, a um canto, (creio eu, póde muito bem ser que a tivesse levado) e empunhando-a logo, num grande gesto guerreiro, aponta-a a um camarada, e gritando intimativamente:

— «Não póde! não póde!»

Tomei o caso a serio e todo eu tremi de horrôr, cheguei mesmo a murmurar: «Outra morte, santo Deus!»

Enganei-me! Tudo aquillo findou em risadas, em abraços, em algazarras, enquanto o fogo lento e pertinaz ia comendo e re-

moendo o predio. No dia seguinte, com grande espanto meu, todas as lampadas que os bombeiros haviam accendido para *verem* o incendio, appareceram partidas, *todas em cacos*, na phrase pittoresca *do graduado do elemento!*

Os empasteladores já tinham ido para outros pontos, levando com elles as depradações! Quem seria então que rebentou, que espantou as lampadas? *Mysterio*, subtil *mysterio* que eu não penetro e que ninguém define.

A primeira façanha findára com muito brilho e muita limpeza. Era a façanha dos empastelamentos.

Faltava agora a segunda, a do Aurelio. E foram tambem, no dia seguinte, ao consulado francez, obrigaram-n'o a renunciar ali mesmo, expontaneamente coagido.

E eis tudo prompto, tudo á medida dos desejos presidenciaes. Outra vez o Braulio foi espanejar as calças e descansar das fadigas da velhissima carcassa, na cubiçada cadeira do poder.

E o *elemento popular*, como um grande mar que amansa de repente, refriou as iras rugidoras e recolheu a

casa chupando cigarros e tresandando a aguardente!

A casa? Não! Puro engano! O elemento recolheu a duas casas: Scout Bahia e Quartel General.

E' então que Ruy Barbosa, indignado, desencadeia um tem-



A festa das Cruzes, em Barcellos — Passagem do cortejo no Largo de Santa Cruz

(Phot. de C. P. Cardoso — Foz do Doaro)

poral de imprecações no Supremo Tribunal do Rio, reclamando, exigindo *habeas corpus*, *habeas corpus*, em favor de Aurelio Vianna e do conego Leoncio Galvão, substituto legal do primeiro, caso elle não quizesse tomar posse do Governo. Era o seu grito constante, o grito que echoava por todo o Brasil como o ribombar de



**A Festa das Cruzes, em Barcellos** — Grupo que se salientou pelo rigor e correcção do traje regional

um trovão. E logo, amedrontado, o presidente da república parece murmurar:

— «Não grite, homem de Deus! Não é necessário gritar. Se você o exige eu mando repôr outra vez o Aurelio... Mas não grite assim, por quem é; não grite que não vale a pena!»

Se pronunciou estas palavras ou não, não o sei eu. O que sei positivamente, é que o general Vespasiano d'Albuquerque veio do Rio aqui, para vêr a razão das coisas.

Ora, como também elle trazia ordens de character muito intimo representou-nos uma farça tão simples, tão ingenua e tão natural que por um triz ninguem descobria a *Fransiaga!* Ninguem, creiam vocencias no que lhes digo. E até hoje, que eu saiba, nenhuma personagem foi tão respeitosa discutida e tão anciosamente esperada como este soberbo general que vinha espalhar justiça, ás toneladas, num gesto liberal, um grande gesto á Catão. Muito admirado, sobretudo, esse tal senhor. A alguém ouvi eu afirmar que elle dava bolos! — «Bolos?!» — Exclamei, espantado. — «Um general que dá bolos... Mas em quem e porquê?»

— Em quem elle tiver vontade de os dar. Até no arcebispo, ora essa. Dá por prazer, por desfastio, e por gracejo. Você não o conhece. E' um profissional e uma



**A Festa das Cruzes, em Barcellos** — Aspecto da feira — Venda de loiças

féra nesse mistér. Agora é ministro da guerra — o mais jocoso ministro que o ceu cobre e a terra ha-de engulir.

Não sei bem porquê, esta coisa de bolos, fez-me lembrar a historia do general Valladas, de que nos falla Fialho d'Almeida e que um meu amigo aqui repete, de quando em quando, por entre gargalhadas de pura hilaridade e puro gosto.

Este de cá, dá bolos; o outro dava... Mas...

Cada um dá o que tem, conforme a sua pessoa — tal como dizem do tão decantado pilriteiro!

Concluindo: O general veio muito a proposito, para renenar os animos, com a sua palmatoria debaixo do braço.

Foi mais um ludibrio, isso é que foi.

— Vinha tratar de repôr o Aurelio ou o conego Leoncio Galvão, — afirmava-se por ahi aos quatro ventos.

Historia, pura historia. Elle veio foi para segurar mais o outro, o Braulio.

E enquanto fazia acenos amigaveis aos governadores legaes, negava-lhes as garantias de que elles careciam contra o proprio exercito que se disfarçava para os acometter.

O conego Leoncio estava fóra, aguardando os acontecimentos. O general exhibe então mais uma fita mandando-lhe embaixadores. O bom do conego impôz as suas condições



**A Festa das Cruzes, em Barcellos** — Um aspecto da feira — Venda de cestos

(Phot. de C. P. Cardoso — Foz do Douro)

muito accéitaves até e de muito facil execução. O general rejeitou-as e manda dizer ao presidente da república que o *padre* não quer assumir o governo — e que tudo está em paz.

Tudo isto foi feito muito á pressa, atabalhoadamente mesmo, não sei porquê.

Depois ainda ha protestos, ha trapalhadas.

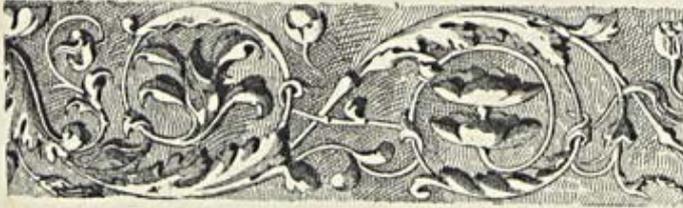
Os dois legaes são chamados ao Rio para contarem a historia. Tempo perdido, massada inutil. Emfim, uma tragedia infundavel de successos muito pequeninos, muito reles. Ora cebo. Nem tanta brincadeira de mau gosto com um Estado que não é habitado por cretinos nem por ingenuos. Segue-se que o conselheiro, o Braulio ficou espapaçado na cadeira do poder que mais tarde passou, tal como numa escamoteação de prestidigitador, ao governador imposto — J. J. Seabra. Não sei se este senhor será accessivel a molestias contagiosas.

Sei apenas que a cadeira do poder, humida de sangue e atacada pela gangrena, pôde muito bem ser que apodreça. Oxalá, oxalá que assim não seja para felicidade de uma população e rapido progresso de um Estado.

Bahia — Fevereiro, 1912.

J. A.

Em todas as profissões cada qual trata de parecer o que quizer que o julgassem; por isso se pôde dizer que o mundo não é feito senão de apparencias.



## POR UM OCULO...

(Críticas, Blagues & Phantasias)

IV

### SUICIDIO... PEDESTRE

— «Todo o governo que se não apoiar nas classes trabalhadoras suicida a 'Republica'!»

(D'um discurso do sr. dr. Augusto de Vasconcellos, presidente do ministério.)

A menina Republica tinha nascido n'uma manhã abafada de outomno, por entre foguetorio alegre e musicatas festivas.

Com as carinhas ainda sebtas, foi levada em triumpho, pelas ruas da cidade ao som da *Maria da Fonte* que durante tres mezes atordoou os ouvidos da fragil creança. Esta já de construcção fraquinha, resentindo-se da barulheira infernal do viverio e das philarmonicas, ficou um tanto surda.

— Menina — perguntava-lhe ás vezes a ama — A menina quer... an... an... ?

Mas a menina como ouvia pouco, não respondia, e, era um gastar de cuecas por demais...

Toda a familia a rodeava de carinhos, mas de terriveis carinhos que lhe amachucavam as carinhas moles e enfezadas.

— A creança é fraquinha, precisa d'ar... d'ar puro, d'ar lavado... Arejem-n'a... Vá, arejem a menina... recommendava a tia Antonia Josepha, com os olhos em alvo, puxando a penugem-sinha que lhe sombreava o queixo.

E a menina era levada aos baldões, por praças e ruas, com a familia e a visinhança toda em volta, a dar-lhe belisquinhos carinhosos.

— Nada... A minha opinião é outra — dizia o tio Affonso. A petizá necessita é d'emulsão. Uma emulsão forte... Uma emulsão que estoure... hein? Não é da minha opinião D. Bernardina?

— Sim — affirmava a cordeal senhora. Sim, uma emulsão forte, mas de... beijinhos...! Ai! sr. Affonso, não ha nada como os affagos...

E a creança enquanto emborcava a emulsão de estoiros do tio Affonso e era babujada de caricias pela D. Bernardina, tremia, fazendo caretas, com as faces repuxadas das beijocas e o estomago aos solavancos, da tizana forte.

— Cá pelo meu modo de vêr a cachopita o que lhe faz mal são as lavagens.

Vocês, convençam-se, — affirmava a madrinha Camacho — que a agua fez-se mas foi... para beber! Abafem-n'a... Abafem-n'a bem abafadinha e obriguem-n'a a fazer uns exerciciosinhos de lucta, e verão o que é engordar.

E a illustre madrinha, envolvendo a menina n'um chale felpudo, fazia-a cambalhotar das suas mãos para as do sr. Menezes, rapagão atiradiço que era o enlevo da excellente senhora.

A pequena cada vez de phisico mais torto, com o estomago a inchar com os estoiros da emulsão, com as faces a sangrarrem das beijocas fraternas, com as carnes retorcidas dos abafos, com os membros desengoçados da lucta, com o corpo fatigado das arejadelas, mal se sustinha em pé, com o semblante triste, onde as olheiras negras das vigalias mais se acentuavam dia a dia.

Foi consultado então o dr. Augusto — uma especialidade de muita nomeada em complicações internas e externas. O dr. Augusto tinha alcançado fama com diversas curas mais ou menos garantidas, em enfermos debeis.

A menina foi oscultada. Com os dedos esguios, o habalisado clinico bateu-lhe no arcoaboço torcido; e examinando-lhe a lingua, concluiu:

— Está sujita... Está sujita...

— Purga, não? — perguntou o tio Affonso que ia sempre pelas revoluções organicas.

— Sim... talvez... mas... Eu verei... se me dá licença...  
— Pois sim, veja á vontade, mas só exijo uma coisa. E' que dê á pequena chá de flor de macieira.

Começou o tratamento, um tratamento complicado de que faziam parte drogas para o corpo e distracção para o espirito. Umas vezes eram fricções na espinhela, bem puxadas pelos enfermeiros da guarda republicana; outras, pilulas explosivas; e em certas occasiões um suspensorio de ferro, nas garantias

Para o espirito, aconselhou o dr., coisas que a fizessem rir.  
— Levem a menina aos palhaços — recommendava amiudadas vezes. Levem-n'a ao Circo de S. Bento.

E a menina ia aos palhaços ver os *clowns* Tony Faustino e Walter Nónes.

A menina ria o seu pedacinho, mas tudo aquillo mais lhe abalava o organismo e a bolsa.

Reuniu-se então o conselho de familia com assistencia do dr. Augusto.

— Cá na minha — segredou a tia Antonia Josepha á madrinha Camacho — Cá na minha, este medico ainda dá conta da pequena. A unica coisa que a podia salvar, creia minha boa amiga, era uma porção d'adhesivos azues, no peito e nas costas, e obriga-la a fazer evoluções, muitas evoluções.

— Eu sou antes pelo xarope *União*. E' a ultima palavra para estas molestias, D. Antonia Josepha... Acredite...

O resto da familia foi chegando, e com o dr. Augusto na presidencia, sentaram-se em volta da mesa na sala de jantar.

— Enquanto conversamos podemos ir entretendo o paladar com alguma coisa — alvitrou o tio.

— Sim, sim... concordaram todos.

A Maria Sidonia, governanta da casa, foi buscar a bolacheira.  
— Olhem que já está no fim e o mercieiro diz que não fia mais.

Ora! — declarou a madrinha encolhendo os hombros. Para nós, ainda hão-de chegar e é quanto basta.

— Bem, vamos lá a isto — começou o dr.

— E' melhor que a pequena esteja presente.

A menina veiu.

O dr. Augusto bebeu dois golos d'agua e principiou.

— Tenho empregado todos os esforços para restabelecer o organismo da menina, mas a sr.<sup>a</sup> D. Antonia Josepha é a culpada...

— Protesto...

— A sr.<sup>a</sup> agora não fala.

— Ai lá isso é que hei-de falar. O sr. dr. é que é o culpado da creança estar cada vez mais enfezada. Ha muito tempo já que devia estar na rua...

— Isso é uma falta d'atención — berrou colerico o tio Affonso.

— Apoiado...! Apoiado! — confirmou a madrinha Camacho.

— Ora a *typa!* Talvez lhe queira mais do que nós, não queiram lá vêr! — declarou desdenhosa a D. Bernardina.

— *Typa!* A sr.<sup>a</sup> chama-me *typa?*

O tio Affonso colerico, levanta se com o punho fechado, e batendo forte na mesa, disse:

— A D. Antonia é a vergonha da familia, e a menina Republica fica prohibida de se chegar mais ao pé de si.

— Ora o desaforo! Então não ouvem o *dramatico!*

— Acho bem — apoiou a madrinha. A menina fica vivendo só comosco.

— Ai! sua porca! Não querem vêr tambem esta!

— Vá de lambança! — murmurou o primo Estevão, saluçando gazes. Vá de lambança!

A tia Antonia Josepha com os cabellos desgrenhados correu para a menina; o tio Affonso foi atraz d'ella. E levantando-se todos, começou uma barulheira ensurdecadora.

A pequena muito assustada, andava n'um virote no meio de toda aquella gente que a puxava.

De repente ouviu-se um grito agudo.

— Ai que foi mesmo aqui no estomago — soluçou a menina, cahindo desmaiada.

O dr. correu a verificar o succedido. Fez-se silencio em volta.

— O que foi? perguntou a D. Bernardina já com os beicinhos estendidos promptos a affagar cordealmente a parte molestada.

— Foi um... Foi um... um... pontapé valente que lhe arumaram no estomago!

Olharam-se todos, mudamente.

— Eu cá na fui...

— Eu tambem não...

Todos protestaram a sua innocencia. Mas a creança descerrando um pouco as palpebras, declarou:

# Movimento operario

## A manifestação do 1.º de Maio



Os manifestantes no cemiterio onde foram visitar o tumulo de José Fontana

— Foram todos ao mesmo tempo... Eram mais de vinte pés!...  
E voltou a fechar os olhos.

— E agora? — interrogou pensativa a madrinha Camacho.

— Será grave? perguntou o tio Affonso.

— Vamos a vêr... Vamos a vêr...

E o dr. Augusto tomando o pulso da menina declarou solemnemente, abanando a cabeça.

— Parece-me que suicidámos a pequena!

CRISPIM.

## Phenomenos opticos da atmosphaera

### A côr do céo

**P**ORQUE razão é o céo azul e algumas vezes apresenta, ao nascer e ao pôr do sol, uma coloração vermelha mais ou menos carregada? E' esta uma pergunta que não terá accudido ao espirito de toda a gente e todavia são phenomenos que diariamente observamos.

E' que os raios de luz não atravessam todos com a mesma velocidade as camadas atmosphericas, nem são reflectidos com a mesma facilidade. Se a atmosphaera fosse exclusivamente gazona e não contivesse em suspensão particulas tenuissimas solidas ou liquidas, a luz viria directamente do Sol e da Lua e o ceu apresentar-se-nos-ia inteiramente negro. Mas não succede assim e a quantidade infinita de particulas pequenissimas em suspensão na atmosphaera absorve uma porção da luz do Sol, deixando passar alguns dos raios e reflectindo outros, produzindo assim uma diffusão de luz de que resulta a iluminação geral da abobada celeste. Ora os raios de luz que são reflectidos com mais facilidade, como se prova pelas experiencias a que procedeu Hassenfratz são os azues e por isso é que a coloração da abobada celeste é azul. Na occasião, porém, do nascimento e do occaso do Sol, como este se encontra perto do horizonte, os raios de luz atravessam, sob muito maior espessura, as camadas inferiores da atmosphaera que são as mais ricas em poeiras, produzindo uma diffusão mais intensa

que tende a lançar para muito longe os raios azues, tomando o astro, então, e a parte da abobada celeste que o rodeia, uma coloração vermelha mais ou menos carregada, pela diffusão dos raios

## Lamentaveis acontecimentos na Moita

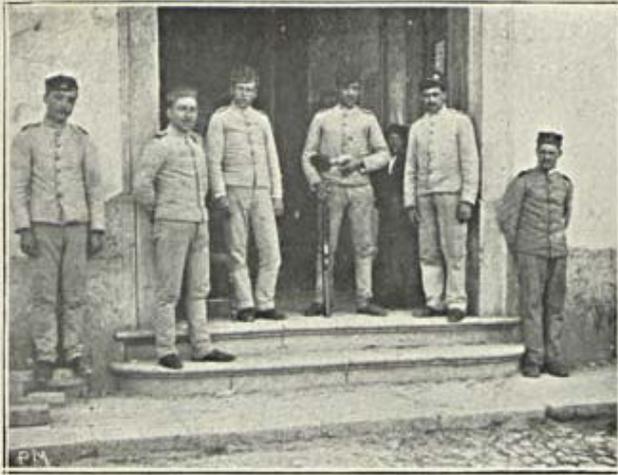


Moita do Ribatejo — A Praça da Republica, vendo-se á direita o edificio da administração de cujas janellas fizeram fogo os soldados.

(Phot. de \*\*\*)

As quatro gravuras que a seguir publicamos referem-se aos graves successos que se deram na villa da Moita na noite de 6 do corrente e dos quaes resultaram duas mortes, entre ellas a de uma pobre mulher e varios feridos.

Parece que deu causa aos acontecimentos a turbulencia de alguns soldados que a seguir a uma desordem com populares correram a entricheirar-se no edificio da administração do concelho, de cujas janellas fizeram fogo sobre o povo. Do relato de alguns jornaes diarios conclue-se que os provocadores foram os soldados. No entanto a justiça averigua, sendo para desejar que o prestigio e a disciplina dos nossos soldados se affirme d'uma forma que não deixe duvidas, não obstante todos reconhecerem que uma classe não é de modo nenhum responsavel pelos desvarios d'alguns dos seus membros.



**Lamentáveis acontecimentos na Moita.** — *Alguns dos soldados que tomaram parte nos acontecimentos.*

vermelhos que são os que atravessam mais facilmente e com maior velocidade as camadas atmosféricas.

### Arco iris

É uma banda circular cujo centro se encontra na linha que passa pelo Sol e pelo olho do observador, com todas as cores do espectro solar, violeta na parte interna e vermelho na parte exterior. O arco iris é o resultado da refração e reflexão dos raios solares nas gotas de chuva e por isso produz-se sempre que uma nuvem, na região do céu opposta áquella em que se encontra o Sol, se resolve em chuva.

É um phenomeno puramente local; ás vezes observa-se um outro arco concentrico com o primeiro, mas maior, mais largo e menos luminoso, com as cores dispostas em ordem inversa do primeiro, isto é, vermelho na parte interna e violeta na exterior.

Algumas vezes ainda, mas muito raramente, observam-se no interior do primeiro arco, bandas luminosas alternadamente coloridas de violeta e verde e acontece tambem, mas mais raramente ainda, observarem-se essas bandas fóra do segundo arco.

### Coroas e halos

O phenomeno luminoso conhecido pelo nome de *coroas* consiste n'um, dois ou tres anneis coloridos, que se formam em torno do Sol e da Lua, apresentando algumas vezes todas as cores do espectro solar, com a violeta na parte interna e a vermelha no exterior. No Sol raras vezes se avistam por causa do brilho da luz d'este astro.



**Lamentáveis acontecimentos na Moita.** — *Uma mulher ferida chorando a morte do marido.*

As mais das vezes o anel interior apresenta-se-nos colorido de azul misturado de branco, seguido pelo lado de fóra de um arco

vermelho que pela parte interna é muito nitido e na parte exterior bastante esbatido, confundindo-se com os anneis seguintes.

Estas coroas têm um diametro muito pequeno e raras vezes se observam mais de duas; na segunda e na terceira quando a ha, apenas se distinguem, geralmente, a cor verde no interior e a vermelha no exterior.

As coroas produzem-se todas as vezes que por deante do Sol ou da Lua, produzidos pela refração dos raios solares nos crystaes de gelo que constituem as nuvens conhecidas pelos nomes de *cirrus* e *cirrusstratus*. Os halos são coloridos na parte interna de vermelho, seguindo-se a cor amarella; as outras cores espectraes, em geral, não se distinguem, e formam uma larga banda circular, esbatida, branca, que acaba por se confundir com a coloração geral do céu. A's vezes observa-se em volta da Lua mais de um circulo e n'este caso diz-se que o halo é duplo. No Sol não se avistam os halos por causa do brilho da luz, a não ser que se observe o astro atravez de um vidro corado, ou por reflexão na superficie calma da agua.

## PENSAMENTOS

O que nos predispõe para acreditar no mal sem examinar o seu fundamento é o orgulho e a preguiça. Estamos sempre prom-



**Lamentáveis acontecimentos na Moita.** — *Uma das victimas — Marianna Baptista Alfaya, no leito mortuario.*

(Phot. . . .)

ptos para julgar os outros: culpados, mas não queremos dar-nos ao trabalho de examinar o fundamento da accusação.

Muitos homens expõem-se sufficientemente na guerra para salvar a honra, mas poucos tanto quanto é necessario para se conseguir aquella por que assim se expõem.

LA ROUCHEFOUCOULD.

Por uma lei natural o espirito humano nunca pôde deixar de embelecer e elevar o objecto da sua contemplação.

GEORGE SAND.

A arte é a grande consoladora a que devemos ir buscar a reparação das mesquinhas e do mal que a vida nos apresenta. A contemplação artistica é como um banho do espirito: purifica de todo a mácula, de tudo que é mau, mesquinho; eleva o homem e põe-n'o de accôrdo com os mais nobres pensamentos de que é capaz, e sente então tudo o que vale, ou antes tudo que poderia valer.

SCHOPENHAUER.

# VIDA ELEGANTE

## DIPLOMATAS QUE DEIXAM O NOSSO PAIZ



Marquês de Güell y Borbon.



Marquiza de Güell y Borbon

O Brasil-Portugal honra-se hoje publicando nas suas paginas os retratos do Marquês de Güell y Borbon, o illustre diplomata hespanhol que durante 14 annos occupou o cargo de secretario da legação de Sua Magestade Catholica no nosso paiz, de sua esposa e de suas gentilissimas filhas, os quaes agora retiram para Madrid. Tanto o sr. Marquês e a sr.<sup>a</sup> Marqueza de Güell como suas filhas D. Maria e D. Christina, deixam em Lisboa, sobretudo na alta sociedade, vivas sympathias.

A carreira do Marquês de Güell y Borbon, o qual nasceu no palacio de Valladolid em 4 de junho de 1851, é das mais honrosas. Secretario de terceira classe da embaixada junto de Sua Santidade em 1875, em Londres, 1877, em commissão, Paris, 1881, secretario effectivo em 1882, secretario de segunda classe em Stockolmo e Copenhague em 1886, em Paris em 1891, 1.<sup>o</sup> secretario em Madrid 1896 e em 1898, veio para Lisboa, onde se conservou, apesar de ficar sendo o mais ve-

lho dos secretarios de legação hespanhola. Preferia ficar a ir, como lhe fora proposto e offerecido, ministro para o Chile, para o Brasil e para Montevideu.

O Marquês de Güell, que é filho do senador D. José de Güell y Renti e de D. Josefa de Borbon, infanta de Hespanha, é commendador de numero de Carlos III, commendador de Isabel a Catholica, Cruz de segunda classe de Merito Militar com distinctivo branco, segunda classe de Santiago de la Espada, commendador do Danebrog da Dinamarca, da Ordem Pia da Santa Sé, de Norodon de Cambidege, da hoste do Libertador da Venezuela, official da Legião de Honra de França, cavalleiro da Estrella Polar da Suecia, de São Mauricio e São Lazaro de Italia e em Portugal, onde tanto o infortunado rei D. Carlos como El-Rei o Senhor D. Manuel muito o estimavam; foram-lhe concedidas as commendas de Christo, da Conceição de Villa Viçosa e de Mérito Naval.



Filhas dos Srs. Marquezes de Güell y Borbon—D. Maria e D. Christina

*A sr.<sup>a</sup> Marquêza, D. Maria Josefa Alfonso y Güell, nasceu na Havana, e suas gentilissimas e insinuantes filhas em Stockolmo quando seus paes alli estiveram.*

*Os Marquêzes de Güell e suas filhas partem dentro de dias para Madrid, onde o illustre diplomata vae fazer serviço no ministerio, acompanhando o Brasil-Portugal toda a alta sociedade de Lisboa nos seus adeuses sinceros e pede aos nobres viajantes se dignem visitar-nos de quando em quando.*

EGROJ.

## PSALMOS

A AUGUSTO CASIMIRO

### Psalmo do Sol

Alleluia!

Louvae o sol que avermelha as polpas das cerejas e as faces das creanças.

Que abre as folhas dos cravos e os labios das mulheres.

Que alaga o ceu de azul e as searas d'ouro.

Que apaga as estrelas no alto e accende diamantes na terra.

Que entorna claridades nas trevas e derrama sombras na luz.

Que defende as hervas do gelo e os homens dos malfiteiros.

Que reflecte o ceu no lódo de um charco e o espirito de Deus na face do homem.

Alegrem-se os regatos e as serpentes, as aguias e os vermes, as rôlas dos amieiros e os chacaes do sertão.

Louvem-no as creanças batendo as mãos e as aves batendo as azas.

Os ventos espalhando cheiros e as abelhas espargindo mel.

Que os braços das arvores deponham na relva os fructos e as uvas do monte encham de vinho as tulipas.

Que as vagens dos pomares e as pedras dos caminhos estoirem de calor.

Que os homens e os insectos, as aves e as folhas cantem e bailem no ar luminoso em honra do Sol.

Porque o Sol é o mensageiro de Deus.

Alleluia!

### Psalmo das Estrellas

Ouve, Senhor, a minha supplica; attende á prece do meu peito.

Estende a tua misericordia no firmamento e vê o rebanho triste das Estrellas.

Desde o Genesis que as prendeste e as guardas, immoveis, no vacuo da immensidade.

Senhor! O Sol é um filho do teu espirito e deixaste-lhe um caminho largo.

As estrellas são as filhas da tua luz e prendeste-as no teu escabello.

Vê como estão tristes porque as distancias de nós e lhe minguas a belleza.

Só quando os homens, cansados, fecham os olhos, no fim do dia, tu as deixas olhar a terra.

E os seus olhos palpitam tristes nos seios frios das aguas e nas faces duras dos crystaes.

E não encontram onda que aqueça nem crystal que abrande. Senhor! compadece-te: vê como são pacificas e humildes.

Até a Lua, que é a serva obscura do ceu, as apaga.

Em cada noite as suas pupillas tremem de febre, e em cada manhã se vêm envelhecer.

O seu corpo é invisivel porque estão vestidas de luto.

E, nas noites de geadas, as suas pupillas brilham como olhos de virgens amortalhadas em vida.

Senhor! Para que assim prendeste as Estrellas do Ceu?

E' como se amarrasses ao nada, entre o Ceu e a Terra, todas as pombas de Sião.

Tem piedade, Senhor, e desarma o rigor do teu braço.

Tu deste graça ás Estrellas e as Estrellas não são alegres.

Senhor! Solta as prisioneiras e cria-lhes planetas no firmamento.

Que cada Estrella seja livre e escolha no espaço a orbita do seu amor.

Que todo o ceu se encha de alegria e fecundidade.

Que as Estrellas se tornem fecundas e gerem fructos de luz.

E que, pelos seculos dos seculos, Senhor, infinitas gerações de seres cantem, no firmamento, a gloria do teu nome.

Amen.

### Psalmo da Lua

Amae a Lua que ergue as ondas no mar e os seios nos peitos das noivas.

O Sol é o seu amado, e ella vóa no ceu como uma pomba ferida de amor.

Ella descora de magua as Estrellas e de saudade as faces abandonadas.

Apaga no caminho as Estrellas que olham o Sol, e segue-o enferma atravez do ceu.

Amollenta as fauces dos corcodillos e suavisa a lingua dos tigres.

Derrama prata nos abysmos e um fio de mel nas lagrimas dos noivos.

As suas tranças tristes, ungidas no oleo do Sol, desgrenham-se sobre o mundo.

Os seus cabellos inundam a terra, e são cordas que se prendem.

Nas areias e nas gotas das aguas, nos fios das hervas e nos corações das gentes.

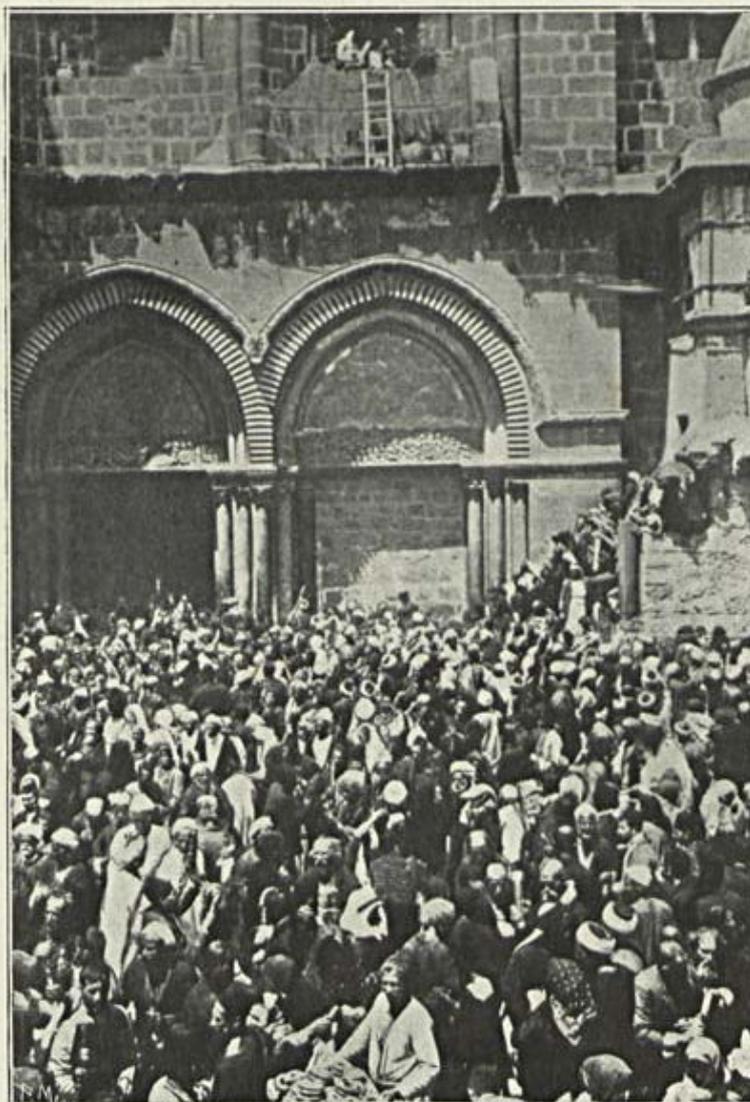
E, quando o vento passa por ellas, desprendem-se gemidos de amor que são queixumes da Lua.

Oh! Lua! E's a casta vagabunda dos ceus!

O Sol banha-te em fogo e a tua face não queima.

O teu olhar é brando e doce como o clarão do azeite no templo de Jerusalem.

## Assumptos religiosos



**A Semana Santa em Jerusalem**  
*Peregrinos deante da Igreja do Santo Sepulchro*

E's generosa e bóa, porque adoras sem zelos o que o Sol adora.

Quando, á noite, o Sol deixa as creaturas que fecundou, tu vens allumiá os seus amores.

E não tens ciúme, e nunca te cansas.

Pelos seculos dos seculos, seguirás esteril atraz do Sol, attríbula de amor.

Como és desditosa e como és amada!

Quando passas até as coisas adoecem porque a Lua passa doente.

E's a febre do ceu e enches de febre tudo o que olhas.

A tua luz é o oleo do sonho que entenece as creaturas.

Os teus raios brandos são os dedos das tuas mãos suavissimas.

### A maior flôr

O *bolo* é a maior flôr até agora vista e, segundo o dr. Muller ella pertence á especie *Rafflesia*, plantas gigantescas descobertas ha pouco nas ilhas Sumatra, na Oceania. O *bolo* só é encontrado no cimo dos altos montes, a 1:000 e 1:200 metros de altitude, e é semelhante a um immenso ramo de flôres.

O *bolo*, que é de dimensões enormes, tem apenas cinco petalas.

### Entre dois namorados

Dois namorados assistiam á representação do *Hamlet* e, na occasião em que Hamlet diz á Ophelia: *Casa-te! casa-te, mas...*

## Rio de Janeiro



A elegante residencia do sr. Conde Candido Mendes de Almeida, um dos proprietarios do «Jornal do Brasil»

E quando ellas repousam sobre o mundo, até as montanhas amollecem.

Cada raio teu é um dedo que penetra as creaturas, a tanger as cordas invisiveis dos seres.

E todo o ser enfermo de amor foge da terra, a chorar a sua paixão na tua paixão.

Oh! Terra! A lua é tua irmã, não tenhas zelos.

E, quando Deus te collocar entre o Sol e a Lua, faz-te transparente, para que a Lua veja sempre o seu amado.

PADRE ALVARES D'ALMEIDA.

## VARIETADES

### As mulheres

As mulheres preenchem os intervallos da conversação e da vida — como as aparas de papel de que se enchem os caixões de porcellana: o seu valor é nenhum, mas sem ellas a louça quebrar-se-hia.

prefere um tolo... pergunta a Julieta a seu apaixonado Romeu:

— E' esta a tua opinião, bemzinho?

— E' sim, coração.

Dias depois casavam-se!

## THEATROS

**Republica** — As recitas de Le Bargy. — **Trindade** — *Eva*, opereta em 3 actos, de Wilner e Bodanzky, traducção de M. Pereira, musica de Franz Lear. — **Gymnasio** — *Reprises*. — **Avenida** — *Casta Suzanna*. — **Rocio Palace** — *Casta Joanna*. — **Paralzo de Lisbon** — *Cale-se*. — **Moderno** — Diversas operetas. — **Colyseu dos Recreios** — Companhia italiana.

Lisboa teve na sua presença, pela segunda vez, um dos maiores artistas contemporaneos, gloria da *Comédie Française* e da França. Le Bargy não é propriamente um genio de theatro, mas a arte de representar ergueu-a elle a taes proporções, as figuras que interpreta nas grandes comedias do theatro do seu tempo são por elle marcadas e vividas com tal superioridade, com tão alta comprehensão do papel que executa, com tal abundancia de pormenores e tanta profundeza

de observação, tão requintado na galanteria, tão subtil no espirito, agora amoroso, d'ahi a pouco ironico, apaixonado umas vezes, outras sarcastico, e sempre dentro da Verdade, que se em lances de alto drama ou de pungente tragedia ha quem o exceda, no desempenho magistral da alta comedia, na fiel e brilhante interpretação d'essas personagens do *Duel*, do *Ami des femmes*, do *Demi-monde*, do *Marquês de Priola*, ninguém, nenhum outro artista do nosso tempo pôde regatear-lhe as palmas do triumpho. E' um encanto ver representar como elle, ver em jogo toda a sciencia e toda a um actor arte de de um mestre.

E esse encanto ficamo-lo devendo mais uma vez ao visconde de S. Luiz Braga, que não perde o ensejo de apresentar ao publico portuguez os artistas mundiaes, sendo já raros aquelles, hespanhoes, francezes e italianos, que não tenham passado gloriosamente pelo palco do elegante theatro, onde se dá *rendez-vous* n'essas noites inolvidaveis á melhor sociedade de Lisboa. O theatro **Republica** continúa, não ha duvida, as tradições brillantissimas do theatro *D. Amelia*.

Era de ha muito esperada anciosamente a primeira representação da *Eva* no theatro da **Trindade**. E com afouteza pôde avançar-se agora que a realidade excedeu a expectativa.

Pôde o entrecho da opereta não agradar á alguns exigentes, podem mesmo achar impróprio o fio de drama que a atravessa, o character leviano da filha adoptiva dos operarios vidreiros pôde sujeitar se a censuras, as invectivas de Larosse, o chefe operario, ao jovem patrão, estroina e orgiaco, podem para alguns espiritos ter seus laivos de mau gosto, tudo isto assim poderá ser, mas fogem de abalada todas as más impressões deante da sciencia magistral, do luxo asiatico, do esplendor scenico, com que está posta a viva e interessante opereta. Sabia-se de ha muito que Affonso Taveira é mestre no genero, mas, na *Eva*, parece te-lo tomado o capricho de se exceder a si proprio. E venceu.

O desempenho dos melhores papeis muito contribuiu para o exito da *Eva*.

Ausenda de Oliveira, Leitão Pratas, fazem os seus papeis a primor.

E', porém, de justiça destacar entre todas essas interpretações a de Palmyra Bastos, nesse papel difficil, de feições tão variadas, desde a mais séria até á mais *coquette*, que ella reproduz com o mesmo brilho e o mesmo encanto, fazendo da *Eva* uma soberba criação. Todos os trechos de musica que lhe cabem são cantados deliciosamente, todo o papel é representado com tanta graça e intelligencia, que arranca por vezes ao publico justissimos applausos.

Tem trechos adoraveis a musica de Franz Lear.

No **Gymnasio**, os artistas que constituíam a antiga *troupe*, com excepção de poucos, lá estão fazendo *reprises* das peças que na ultima época maior exito tiveram. O *Rei dos gatunos* e a *Cocotte* foram as primeiras da série antiga, com essas retomaram elles os seus logares da *tournee* pela provincia e alguma outra repetição ainda, até apparecer a *novidade*, talvez o *clou* da época, que está para breve.

No **Avenida** continúa a *Casta Suzanna* a sua carreira triumphal, e, quer por meio da gravura, quer por apreciação feita n'esta columna, d'ella temos tratado o bastante para não passar de uma repetição o que escrevessemos agora.

Basta, portanto, frisar que o publico todas as noites aclama a *Casta Suzanna*, como se todas ellas fôsem a primeira.

Fechados *S. Carlos*, o *Nacional*, o *Republica*, o *Apollo*, o *Rua dos Condes*, falta-nos falar do **Rocio Palace**, onde vae fazendo carreira sob o titulo de *Casta Joanna* a engraçada parodia á *Casta Suzanna*; do **Paraizo de Lisboa** que reabriu ha dias com a nova revista de Penha Coutinho *Cale-se*, que tem bem aproveitados alguns successos da actualidade, que é intercallada com bonitos numeros de musica, e está distinctamente posta em scena. Dá duas sessões cada noite e tem tido publico para ambas, o qual applaude os tra-

balhos dos artistas, salientando-se entre elles Gabriella Lucey e Viriato Lima.

No **Moderno** as operetas o *Solar dos Barrigas*, *Amór e peticos*, *Surdo e medico* teem sido excellentes elementos de atracção para o publico especial d'aquelle popular theatro.

E porque os ultimos serão os primeiros, muito propositadamente deixamos para o fim o **Colyseu dos Recreios**. E' o theatro da moda, é, por excellencia, o theatro da actualidade. A companhia italiana, e sobretudo artistas como Paganelli, Dora Domar, Moreu, Cavallieri, Marrugatti e Granados, e a estreiante Cesarina Lyra, que *au premier abord* conquistou o publico, todos elles por tal forma se teem imposto á *sympathia* e á admiração, que cada noite que corre é para elles um triumpho e para a vasta sala uma enchente.

GILIATT.

## Ultimo trabalho d'arte fundido nas officinas da «Fundição Indígena», do Rio de Janeiro



Monsenhor Olympio de Campos

Estatua com 2<sup>m</sup>,80 de altura, modelo do professor R. Bernardelli, director da Escola de Bellas Artes do Rio de Janeiro.

A estatua e a base são em uma só peça, fundida de um só jacto e moldada pelo processo italiano de cera perdida.

E' um bom trabalho, como fidelidade do modelo e como acabamento, e que honra aquella Fundição, uma das mais importantes do Brasil, da qual é chefe o nosso velho amigo commendador Santos Carvalho.

## Animatographos e outros espectaculos

**Theatro Phantastico.** — Está a attingir a 50.<sup>a</sup> representação a revista *Chucha Zé*, das mais engraçadas, vivas, e alegres, que teem sido applaudidas em palcos portuguezes. Correspondendo ás sympathias do publico, a empresa contractou a popular actriz Maria Portozellos, que com os seus deliciosos fados á guitarra, e o picante maxixe brasileiro desempenhado por Francisca Brazão e Eugenia Brazão, attrahem ás duas sessões de cada noite um publico numeroso.

O **Chiado Terrasse** com as suas novas fitas d'actualidade; *Accidentes do Titânico*, *Exercicios de bombeiros no Porto*, e outras, e sobretudo com o empolgante drama militar *O Desertor*, de um kilometro, está na ordem do dia. E' o ponto de reunião de toda a sociedade elegante.

Não ha noite em que se não enche o vasto **Salão da Trindade**, graças ás novidades que em todos os espectaculos exhibe, a essas fitas sensacionaes que se chamam a *Borboleta Japoneza*, *Filha do regimento*, *A mascotte de Tôô*, *Fabrico de papel*, *Recordação que redime*, os carbonarios, qual d'ellas mais nitida e mais interessante.

Outro salão elegante, confortavel, amplo: o **Salão Central**. Aquelle delicioso sexteto, aquellas fitas variadas, originalissimas, salientando-se entre ellas a de «10.000 dollars», continuam a ser todas as noites a *great attraction* de todos os verdadeiros amadores do *sport cinematographico*.

Não se contenta o **Foz** em nos dar as mais recentes novidades em photographia animada, que são um encanto para todos os espectadores d'essa luxuosa sala. As suas variedades que fazem d'elle um pequeno *Folies Bergères*, esses excéntricos acrobatas musicas Rosine & Ivone, são numeros de sensação que completam deliciosamente o interessante spectaculo.

Falta falar do **Olympia**, sempre estreias, sempre fitas de sensação, dando fóros de cinema da moda aquella linda e agradável sala onde se passam deliciosos minutos, vendo esse *film dramatico* que se chama *O dinheiro*, essa estonteadora *dança dos apaches* e tantas outras fitas, qual d'ellas mais sensacional.

Quando se quer afirmar alguma cousa, chama-se sempre Deus para testemunha — porque nunca nos contradiz. — *Rainha Isabel da Roumania*.

Queres viver bem no mundo? . . . Vive longe d'elle. Se d'elle te acercas, obrigar-te-ha a adorá-lo ou a aborrece-lo, e francamente, não é merecedor do primeiro, nem vale a pena o segundo. — *Ruckert*.